



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

AUTOFORMAÇÃO E DOCÊNCIA

Míria Helen Ferreira de Souza

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

E-mail: miriahelen@hotmail.com

Ailton Siqueira de Sousa Fonseca

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

E-mail: ailtonsiqueira@uol.com.br

Introdução

Uma das marcas dos tempos atuais é o vale fértil do pragmatismo onde tudo é resultante de um comércio de intenções com fins lucrativos. Krishnamurti (1993, p. 53) diz que quando o homem age somente com a intenção de ganhar “a verdadeira transformação é impossível”. Consciente de que a docência não deve cristalizar práticas pedagógicas, com fins instrumentais, por ser uma ação regeneradora da alma humana, surge este artigo com o intuito de esboçar a contribuição da autoformação para a docência e os princípios que a regem.

Metodologia

É uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo. Os dados teóricos tomaram como base as discussões de Freire (1996; 2001), Fonseca (2007), Galvani (2002), Galvani; Pineau (2012), Josso (2010), Krishnamurti (1993), Morin (2010).

Resultados e discussão

Autoformação é um caminho entrelaçado em outros percursos e sugere a possibilidade do sujeito se refazer por si para pensar e tecer discursos. A ideia freireana de que o homem nunca está pronto certifica que a autoformação é constante e que o ser se forma ao participar da produção do saber (FREIRE 1996). Ensinar e aprender são congruentes e advêm da capacidade de autoformação inata nos indivíduos. Josso (2010, p. 22) expõe que “formar é sempre formar-se” e o sujeito é responsável pela própria formação, assim, “ninguém forma ninguém”. Autoformar-se é adquirir saberes em todas as fases da vida e isso é conduzido pela junção do *si* (autoformação: nível de existência



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

interior de cada um), os *outros* (*heteroformação*: influências do ambiente cultural) e as *coisas* (*ecoformação*: simbologia do meio ambiente e influências experienciais no imaginário humano) (GALVANI, 2002). Galvani; Pineau (2012) reiteram que a autoformação se define pelas perspectivas: “transpessoal” (estratégias pessoais/subjetivas); “transcultural” (representações dos símbolos a cada ser); “transdisciplinar” (universalização das simbologias do mundo). São abordagens unificadas e intervêm uma sobre a outra. Galvani (2002) diz que a autoformação não depende da ação dos formadores ou das instituições educativas, isso confirma que o homem é um “ser que se faz” (FREIRE, 2001, p. 87).

É consensual que a escola sempre foi considerada espaço de formação e os docentes, mediadores. Freire (1996) sinaliza que a função da docência é investir em possibilidades éticas de construção do sujeito por si. Não há como pensar em autoformação desvinculada de um sistema formativo que respeita o homem como maior do que os mecanismos que tentam reduzi-lo. Ele é, ao mesmo tempo, *auto*, *hetero* e *eco* (GALVANI, 2002) e produtor do circuito da vida (JOSSO, 2010). Para Galvani; Pineau (2012) viver é uma experiência transdisciplinar, por isso, aprende-se vivendo.

Para Morin (2010) é primordial aprender a pensar e repensar sobre o que foi pensado. Um processo cíclico que a escola ainda não valoriza porque não concebeu que conteúdo é o que há dentro de cada ser. Homem e universo são inseparáveis e o circuito que os une é hologramático (MORIN, 2010). O processo autoformador coexiste na relação mente/corpo/espírito/mundo e revela a complexidade do ser que nasceu para exprimir a palavra humana e não para ser treinado. Autoformação é empenho pessoal. É emergente excluir o aprendizado em retalhos e investir no aprendizado do saber-viver. É enfático conceber a autonomia, a identidade, a liberdade e o diálogo como princípios da autoformação.

Ter experiência, fazer experiência e pensar sobre a experiência são ações que fazem do viajante e da viagem uma coisa só (JOSSO, 2010). É preciso ter coragem de ser, ao mesmo tempo, desbravador e desviante (MORIN, 2010). Tais posicionamentos edificam a sensibilidade de o homem



tornar-se ator e autor de si mesmo num mundo em construção. O educador que aprecia a autonomia, respeita o direito de o homem ser quem é. Investir na autonomia é saber fundante para a docência porque induz à reflexão de que a melhor parte da vida é quando se compreende que quem ensina se percebe aprendente de si (FREIRE, 1996)

Gaston Pineau (s/d) reflete que a necessidade humana de se dominar é construtora da identidade. *Saber quem é* a pergunta que se perpetua desde que o homem tomou (cons)ciência de que é o ponto de partida e de chegada dele mesmo. Com base na cosmovisão clariceana, Fonseca (2007) afirma ser impossível conhecer o outro sem conhecer a si. Como a identidade se tece a partir do autoconhecimento não há como desvincular da docência o investimento num homem educado para perceber que pensamento e sentimento se integram e culminam num processo identitário propício a mutações. À docência cabe buscar meios para que o homem não seja subserviente à sociedade da forma como ela está e reduza o distanciamento entre homem e homem (KRISHNAMURTI, 1993). A identidade é construção livre e autônoma da consciência sobre o enraizamento do homem no cosmos e singra no sentimento de pertença à espécie humana “da Terra para a vida, e da vida para a humanidade” (MORIN, 2010, p. 39). Esta compreensão deve ser veiculada pela docência, pois sem entender a vida, os problemas sociais são disseminados descontroladamente e o homem não saberá lidar com isso.

Krishnamurti (1993, p. 53), discorre que autoconhecimento é “o começo da liberdade”. A experiência de autoformar-se retrata a liberdade de contato com o real ou imaginário e aproxima o homem da eterna luta em ser/estar liberto mesmo que não saiba quando é realmente livre (MORIN, 2010). A liberdade é princípio autoformador por fomentar a completude, mesmo frente à incerteza de conquistá-la. A liberdade precisa ter medida certa para não se transformar em prática licenciosa, por isso, cabe à docência mediar sabedorias que revelem aquele de quem se fala e que se forma (FREIRE, 1996).

O diálogo, enquanto princípio autoformativo, suscita a importância do outro e regula o aprendizado do viver-junto (MORIN, 2010). Aproxima o homem da busca pelo mundo ao qual sua alma pertence e alimenta a ânsia de



comunicar o aprendido (ou não). Abrir-se ao outro e aos desafios da vida são fundamentais à prática educativa e canalizam o diálogo como interventivo no mundo e permeia caminhos para o crescimento pessoal (FREIRE, 1996). A docência precisa enxergar que o mundo é a melhor escola e que esta pode ser o lugar unificador da ciência, tradição e sabedoria. Dialogar revela a compreensão humana sobre as coisas da vida e abre caminhos para o homem sentir-se renascido (JOSSO, 2010).

Os princípios esboçados têm relação intrínseca com a tomada de consciência, existencialidade e olhar retrospectivo/prospectivo que conduzem o sujeito no decurso da vida até o fim. É notório que a docência ainda se mantém num estado vegetativo que não atende aos princípios da autoformação e impede a aproximação do ato de encantar ao invés de explicar. É no estado de encantamento que o homem sonha e aprende.

Conclusão

A autoformação é componente da instância formadora. A luta travada pela consolidação de um homem, em suas particularidades, trafega na ideia de que tudo se degenera quando passa para suas mãos. Isso é vigente quando se investiga o ensinamento veiculado na escola que se degenera por ser fragmentado e aplicado a serviço de exames avaliativos.

O que o aprendiz quer é adquirir conhecimentos para aplicá-los em sua existência e isso implica na aquisição de aprendizados que dialoguem com os saberes da tradição e da vida. A reflexão esboçada compreendeu que a autoformação é um complexo que inclui um sujeito no outro, uma vida na outra e que não carece de explicação. Hábitos corriqueiros voltados ao trabalho técnico ainda são recorrentes e a autoformação resulta de experiências vividas, mas, isso não é conteúdo ovacionado pela escola.

A autoformação acontece antes e durante todo o processo educativo recorrente na escola... da vida e faz o sujeito tomar forma sem forma, autoformar-se.. A autoformação é relevante para a prática docente por existir na formação dos sujeitos e precisa ser percebida por quem ainda educa apenas para o trabalho



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

Educar para si é o grito que traz em seu ritmo e melodia, lições de vida das quais o homem está carente. A autoformação aproxima o sujeito das histórias de vida e estimula contornos para um saber pertinente. O educador precisa aprender a olhar para os rostos humanos aonde estão todos os sentidos. Enquanto isso não ocorre, o aprendiz fica a esperar que a docência se *autoforme* sem perceber que ela pode se deformar. Nos meandros dessa espera, o lado humano da vida se esvai na contramão dos sonhos que habitam a alma humana.

Referências

FONSECA, Ailton Siqueira de Sousa. **A odisseia de si**: Reconstrução do homem em Clarice Lispector. 2007. 243 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo. 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

_____. **Política e educação**. - 5. ed. - São Paulo: Cortez, 2001.

GALVANI, Pascal. A autoformação numa perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural. In: SOMMERMAN, Américo; MELLO, Maria F. de; BARROS, Vitória M. de. **Educação e transdisciplinaridade II**. São Paulo: TRION, 2002, p. 93-121.

_____. PINEAU, Gaston. Experiências de vida e formação docente – religando os saberes. IN: MORAES, Maria Cândida; ALMEIDA, Maria da Conceição de. (Orgs.). **Os sete saberes necessários à educação do presente**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012, p. 185-225.

JOSSO, Marie Christine. **A experiência de vida e formação**. Tradução: José Cláudio e Júlia Ferreira. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

KRISHNAMURTI, Jiddu. **A educação e o significado da vida**. São Paulo: Cultrix, 1993.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 18 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

PINEAU, Gaston. **A autoformação no decurso da vida**. In: www.cetrans.com.br/textos/a-autoformação-no-decurso-da-vida.pdf. Acesso em 26 de março de 2014.
